

poeta de gaveta







*poeta, fala !
poesia e prosa
cara a cara*

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Prof. Dr. João Grandino Rodas

Reitor

Profª Drª Maria Arminda do Nascimento Arruda

Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária

Prof. Dr. José Moacir Marin

Prefeito do Campus USP de Ribeirão Preto

João Braz Martins Júnior

Chefe Técnico da Divisão de Atendimento a Comunidade

Camila de Carvalho Michelutti

Chefe da Seção de Atividades Culturais

Seção de Atividades Culturais

Aurélio M. C. Guazzelli (Lelo)

Camila de Carvalho Michelutti

Carlos de Araújo Arantes

Ivani Moreno Cardoso

José Gustavo Julião de Camargo

Lélis Camilo Cavalieri

Maria Aparecida Rodrigues Vitor

Rafael dos Santos Elias

Regina Célia Reis da Silva

Sandra Regina Archanjo de Carvalho Melo

Ribeirão Preto, SP

volume 18

2012



ISSN 1516-0513

poeta de gaveta

poesia & prosa



19 autores + 28 textos



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA
PREFEITURA DO CAMPUS USP DE RIBEIRÃO PRETO
DIVISÃO DE ATENDIMENTO A COMUNIDADE
SEÇÃO DE ATIVIDADES CULTURAIS

Produção

Seção de Atividades Culturais

Coordenação do projeto

Lelo Guazzelli

Seleção de originais

Adriana Petroni

Mário Martinez

**Preparação, projeto gráfico
e supervisão gráfica**

Valnei Andrade [eis estúdio]

Ilustrações

Renato Andrade

SEÇÃO DE ATIVIDADES CULTURAIS • DVATCOM / PUSP-RP

Prefeitura do Campus USP de Ribeirão Preto

Rua Pedreira de Freitas, casa 04 – tel.: (16) 3602.3530

14040-900 Ribeirão Preto / SP

www.ccrp.usp.br/cultura • cultura.pc@usp.br

editorial



Reflexão

A reflexão tornou-se rara no mundo atual.

A informação é instantânea e vem carregada de um cotidiano mais que superficial. A internet rouba do leitor aquele momento de aprofundar-se em um bom livro, de questionar o texto lido. A comunicação que antes era a nossa informação, hoje traz um repertório de futilidades de tamanho sem fim. Afastamos da metáfora como se isso fosse um problema de comunicação. Oferece diariamente um pacote com todos os problemas do mundo. Às vezes me pergunto se isso é uma estratégia para nos afastar dos problemas mais locais da nossa comunidade, aqueles em que talvez pudéssemos atuar, resolver ou cobrar uma solução.

O excesso de novidades caseiras, de centenas de amigos instantâneos on-line e a falsa percepção que não estamos sozinhos, afastou da solidão a criatividade artística.

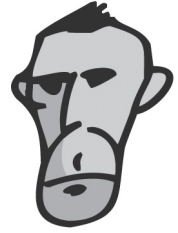
Ao mesmo tempo que entramos em um mundo infinito de pages e outros aplicativos eletrônicos, abertos para o mundo, entender o ócio criativo e resgatar velhos hábitos têm um sabor muito especial, e é valorizado pela população que cada vez mais se afasta desse conhecimento. Então ouvir um bom vinil, escrever um texto artístico e sentar em um bar (sem TV) para conversar não tem mais preço, é puro prazer.

A tela de pixels não me relaxa, não me deixa a vontade para a criatividade. O livro de papel é meu cúmplice, dorme e acorda comigo, mesmo quando carrega pequenos respingos do molho da refeição ou o rastro saboroso do sorvete. Registra em suas páginas a umidade ou o calor do ambiente da minha leitura: ele é vivo!

E nesse exercício de vida, desejo a todos uma boa leitura, de preferência em uma rede à sombra de uma árvore, ou sofá ou poltrona aconchegante – solitariamente. Ou mesmo num exercício coletivo, quem sabe, numa roda de amigos que gostam de cultura.

Lelo Guazzelli

comissão de seleção



Dilemas da escolha

Há poemas e poemas. Uns mais próximos às ideias, outros às imagens, também os de puro som, como nos ensina Pound. Os de perfeição formal, os de linguagem simples, primitivistas. Há ainda os não-verbais e aqueles que experimentam tramas inusitadas. Sendo a mãe da invenção da linguagem, de certa forma tudo cabe na poesia. Essa extrema liberdade — que dá ao gênero poético uma seara de possibilidades criativas — também aprisiona, uma vez que se tudo pode ser poesia, tudo também pode não ser poesia.

Desta forma, selecionar, dentre tantos, os poemas e os contos dignos de comporem a antologia Poeta de Gaveta não foi tarefa movida pela regra: qualquer uma que fosse adotada excluiria um ou outro viés inventivo dos participantes.

Sendo assim, que método adotar? Rilke assinala que a análise de uma obra de arte sempre incorre em equívocos, pois como poemas retratam o indizível, torna-se impossível julgarmos sua essência.

Mas sabemos, e sempre sabemos, quando um poema é um bom poema, quando um verso é preciso, quando tudo se enquadra, quando o texto mostra "a lágrima no olho do peixe", como intuía Bashô, o mestre do haikai japonês. Dos poemas, podemos estudar-lhes o estilo, a técnica, o contexto, o processo; compreender-lhes o uso dos morfemas, o embasamento filosófico, a erudição, mas se não sentirmos o clique, aquele gozo indescritível de quando algo nos diz para além e nos brinda a alma, mesmo obedecendo piamente a todas as regras, aquele texto não nos parecerá um bom poema. O poeta José Paulo Paes dizia que a finalização de um texto poético é algo equivalente a um milagre, a uma epifania. De certa forma, ao ler com profundidade um bom poema também nos tornamos poetas. Vivemos isso quando diante de um Ovídio, um Camões, um Shakespeare, Schiller,

Verlaine, Rimbaud, Maiakovski, Bandeira, João Cabral e tantos e tantos outros craques do verso ou da prosa.

Há bons textos repletos de belas figuras que ainda não são poesia; há belas frases, com requintes de perfeição técnica que ainda não são versos; há belos feixes de frases que não são poemas. E como sabemos isso? Sabemos porque lemos os poetas, os "bons" e os "maus" poetas.

Leitores e amantes de poesia, despidos (ao menos intencionalmente) dos clichês do preconceito estético, aceitamos com humildade esta tarefa como que se lêsemos um apanhado de novos autores. E tal qual fazemos quando lemos um novo livro, marcando aqui e acolá as páginas que mais nos dizem, assim também selecionamos o número de textos que compõem este livro.

Dada a característica do concurso, cujo objetivo é abrir espaço para que diletantes da arte da escrita (e em sua grande maioria na linguagem poética) se expressem em seu ambiente de trabalho, procuramos conciliar as mais diversas tendências estilísticas apresentadas no rol dos textos enviados para apreciação. Talvez isso possa parecer subjetivo demais a alguns, a outros até simplista. Para nós, foi a solução mais justa.

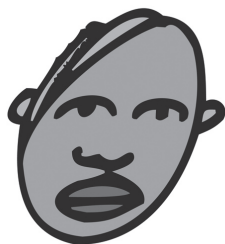
Adriana Petroni é formada em Letras pela Unesp de Araraquara e possui título de mestrado na área de linguística pela mesma universidade. Especializou-se em língua francesa em cursos complementares na Universidade de Nice (França). Atua ainda como contadora de histórias e desenvolve diversos trabalhos artísticos envolvendo música, teatro em literatura. Em parceria com Mário Martinez, criou o musical infantil *A Babel dos Bichos*. Integra o *Coletivo Cabeu*, grupo de artistas que se dedica à pesquisa e à criação artística.

afpetroni@yahoo.com.br

Mário Martinez é músico, poeta e professor de literatura. Em seus mais de vinte anos de carreira já produziu canções e textos para espetáculos de música, teatro, dança e literatura. Na imprensa, atuou como crítico de música. Como compositor recebeu diversas premiações em importantes festivais brasileiros. É autor de três livros de poesia: *triviais – o microlivrokitsch* (1990), *banalidades* (2003) e *semibreves* (2010) e do musical infantil *A Babel dos Bichos*, composto em parceria com Adriana Petroni.

mariotinez@yahoo.com.br

sumário



15 » **Re-visão** / *Milena Shimada*

» **Depósito** / *Milena Shimada*

17 » **Hoigado** / *Ricardo Salles*

» **Ansejos** / *Ricardo Salles*

19 » **Improviso** / *Mateus Araújo*

21 » **Música profana** / *Estevan Eltink*

23 » **O batom roxo** / *Fabio Scorsolini Comin*

» **Verso de aluvião** / *Fabio Scorsolini Comin*

27 » **Meu pé de jequitibá** / *Roberto Corrêa*

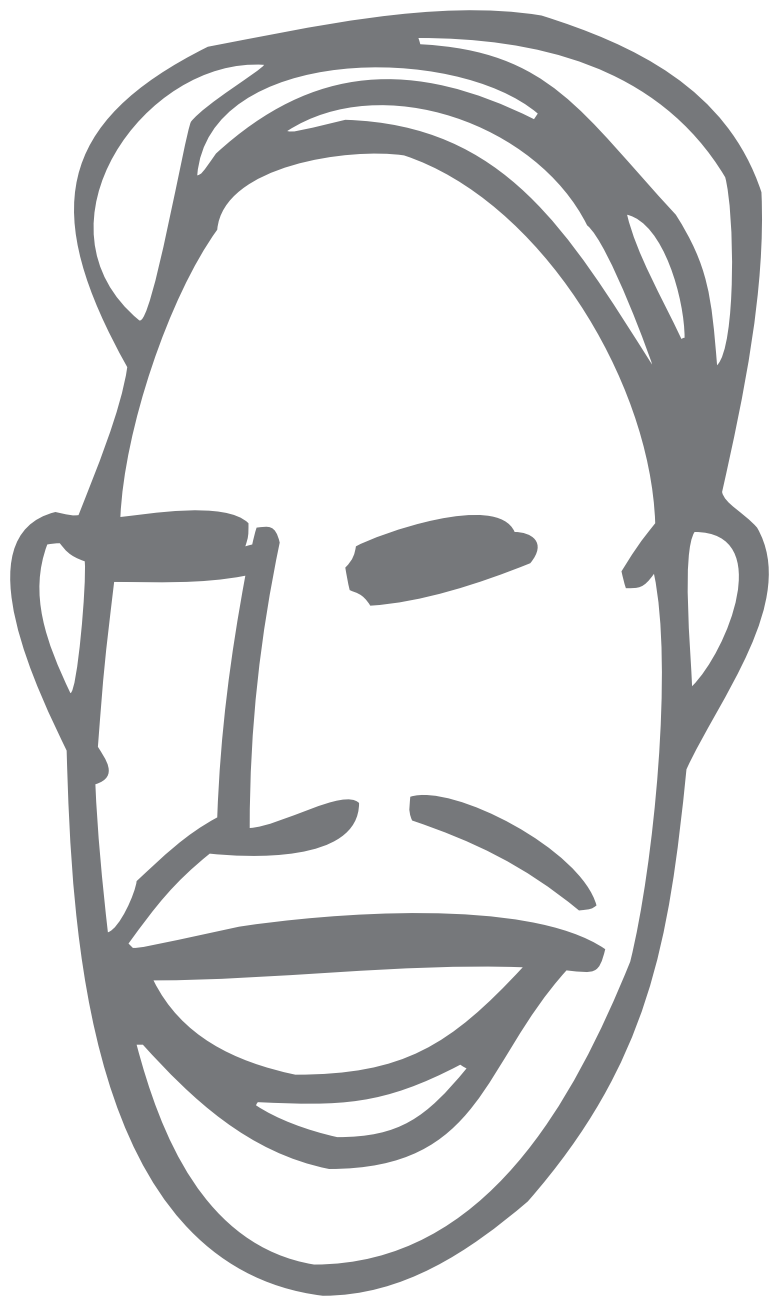
29 » **Sujeira** / *Clélia Camargo Cardoso*

37 » **Um sonho lúcido** / *Ana Cristina A. Benjamin*

39 » **Um dia normal** / *Paulo Henrique da Silva Lopes*

» **Mudanças** / *Paulo Henrique da Silva Lopes*

- 45 » **Doreverso** / *Adilson Roberto Gonçalves*
» **Mens mobile** / *Adilson Roberto Gonçalves*
» **Uma passagem pela ponte** / *Adilson Roberto Gonçalves*
—
- 51 » **Tugúrio** / *André Prado*
—
- 53 » **Tempesta** / *Caroline Marconato*
—
- 55 » **As coisas** / *Roque Pinho*
» **Impressões** / *Roque Pinho*
—
- 57 » **O ruído das redes na casa amarela** / *Amanda Ferreira*
» **Quebra** / *Amanda Ferreira*
—
- 59 » **O X da questão** / *Camila Silveira Stanquini*
—
- 67 » **Vagas recordações da existência** / *Lucelindo Dias*
» **O pouco de Nenzinha** / *Lucelindo Dias*
—
- 71 » **O primeiro brinquedo** / *Douglas Farias Cordeiro*
—
- 75 » **Mistério de Sírius** / *Cleiton Assis*
—
- 77 » **Enxerga** / *Marcelo Assumpção*



re-visão

Milena Shimada

Porque não sei ver só, divirto
Visto a vida de versos diversos
Devidamente divididos.

E assim vivo a dever
De vastas metades de visões
Divisões de versões da verdade
Mas vejo versos, não vejo sol
Só solidão.

depósito

Milena Shimada

Eu disserto, certo,
meu deserto de teoria

Então decerto, asserto,
as diferenças me significam

Mas acerto?, conserto,
as hipóteses me limitam

Enfim, incerto; liberto,
ao mar aberto, há poesia.

Milena Shimada

FFCLRP – Mestrado – Psicologia • “Saindo da gaveta pela primeira vez.”

hogaido

Ricardo Salles

mesmo que os mirares
daqueles milhares
sejam destinamente
distintos,
os nossos extintos
são o cruzar
para o agá dois-áceo
onzulado
inviditício
daquele mar.

curvo-me pelas crianças,
curvo-me pelos velhos,
pela dor tristida
da tristuição.

hoje juntar as mãos
e cabisbaixar
são o mesmo gesto rogancioso:
orai pelo japão.

ansejos

Ricardo Salles

é esperado
de todo mundo
esperar
mudanças
e
modificações.

muito melhor seria
de todo modo
esperar
mudanças
e
mundificações.

Ricardo Salles

FDRP – A – Direito • "Poeta amador, nunca publiquei nada, muito embora não falte vontade de ver minhas letras num livro. Primeira vez e chance talvez seja esta. *Poeta de Gaveta*, quem sabe?"
autores.com.br/salles

improviso

Mateus Araújo

Do improviso
acho o passo
e me remexo.

Do meu piso
marco o passo
pro meu eixo.

Do meu riso
faço o laço
pro meu queixo.

E no sorriso
um compasso
pro que deixo.

Mateus Araújo

FFCLRP – A – Música • "Escrevo há pouco mais de dois anos e tenho publicações apenas na internet."

mateus-araujo.blogspot.com

música profana

Estevan Eltink

*Como um menino sentado esperei:
A banda de jazz começou montar...*

O Jazz crava,
muda a cor do ar
e nem é por arrasar nada,
mas que pelo agudecer de um trompete
que no salivar de um saxofone alto, tenor ou barítono,
um contrabaixo e uma bateria, quiçá um piano,
sedimentam com a mão o breve lamento,
a falta de argumento contra vida afinada ao vento
escapando pela cela casual que pincela o desencontro.
E no encontro de uma banda toda bradando um conto, há o real
A natureza é o caos...

Eita Jazz, é bom assaz!

o batom roxo

Fabio Scorsolini Comin

— *Nunca mais. Nunca mais visitei nenhuma mulher.*
(*Mia Couto, O fio e as missangas, 2004*)

Tomei coragem e entrei no ônibus, em uma linha que eu desconhecia e que levava a um bairro ainda mais desconhecido. Levava dinheiro (nunca se sabe o eu pode acontecer), escova e pasta de dente (pelos mesmos motivos). Mas não tivera coragem de comprar camisinhas, nunca tinha feito isso e não seria hoje que aconteceria, seria no máximo um beijo. Olhava as pessoas no ônibus e eu me sentia um criminoso em fuga. Estava fugindo sim. Precisava de uma dose de audácia para não terminar a minha vida como viera ao mundo.

Cheguei à casa dele com um misto de expectativa, vontade e pecado. Estaria eu fazendo a coisa certa? Como não o conhecia tão bem e não conhecia ninguém naquela região, havia convencido que não seria pecado. Aliás, não há pecado quando estamos sós. E também não há pecado enquanto não há confissão. É a confissão que chama desejo de pecado, antes é só desejo e ponto. Não que esteja confessando hoje, é apenas um relato. Então, continua não sendo pecado. O apartamento era pequeno, mas aconchegante, simples como tinham que ser todas as coisas, inclusive aquilo que estava para acontecer.

Então como é mesmo que se beijava alguém? Eu havia esquecido ou era uma falta de experiência mesmo, não sabia como era beijar, mas já sabia que gostaria. Como a gente sabe o gosto do errado mesmo antes de provar? Para algumas coisas isso funciona, outras não. Sentei-me na cama dele e comecei a conversar sobre um cem-milhão de assuntos, a maioria meus. Falava do imponderável, mas ele não entendia muito bem e parecia irritado com aquela situação. Comecei a perguntar sobre a vida dele, a faculdade, e ele mais irritado ainda em ter que responder. Quem estava comprando quem? Eu precisava saber quem ele era, não podia dar-lhe meus lábios tão facilmente, o que iriam pensar? Mas estávamos sozinhos, então o pensamento e os grilos eram todos

meus. Sim, todos os grilos do mundo estavam conosco naquela cama, em meio ao frio que fazia em julho.

As horas corriam. O último ônibus ia passar dali a pouco e nada havia acontecido. Eu não podia tentar nada, pois nem sabia como começar. Ele sim sabia, era experiente nisso (por isso o escolhi, não podemos brincar com a primeira impressão, se ela for para ficar mesmo), mas não tomava qualquer atitude. Daí parei de falar e olhei para os seus lábios, como se quisesse mais do que palavras na minha boca. Era involuntário demonstrar o que eu queria. Havia mandado as palavras irem dormir, elas não estavam me ajudando em nada. Resolvi ir embora, o ônibus ia passar e aquilo não tinha acontecido, mesmo depois de duas horas. Talvez não fosse o momento. Talvez fosse pecado mesmo.

Mas ele brincou de mexer na minha mochila e achou a escova de dente. Então você veio para ficar? Eu me levantei. Foi aí que ele me segurou, me jogou novamente na cama e me beijou com tamanha sede. Eu me perdia no beijo, não sabia como fazer, como mexer a língua, a sua boca parecia que ia engolir a minha. Pausa. Tentei mudar de lado e aquilo começou a ficar bom. Beije. Tomei a iniciativa de beijá-lo depois de outra pausa. Ele mordida meus lábios. Ele beijava como um louco. E eu já tinha perdido todos os pudores, ônibus e vontades de ir embora. Queria ficar ali mesmo, poderia passar seis horas beijando ininterruptamente. Senti que havia nascido para beijar, em pouco tempo eu seria profissional. Um pouco das roupas foram saindo de nossos corpos, mas eu não estava ali para isso. Ele me pedia para deixar, eu sentia seu desejo e o pecado... esse estava mais do que esquecido.

Nem sei quanto tempo se passou, mas já era muito tarde. Precisava mesmo ir, ele morava longe da minha casa. Saímos correndo para ir ao ponto de ônibus, dois pecadores loucos correndo por um bairro escuro. Enquanto corria, no frio cortante daquela noite, eu me sentia mais feliz. Podia mesmo morrer ali, tudo estaria bem e em paz. Gritei para o ônibus me esperar, mandei um beijo de longe e entrei. Parecia que todos me olhavam, prontos para atirar uma pedra ou qualquer coisa em mim. Na minha testa devia estar escrito pecado ou coisa semelhante, com certeza. Se não estivesse, eu escreveria: acabei de beijar um homem e foi a melhor coisa que aconteceu! Teria sim coragem de ser assim uma vez na vida, pois por dentro eu não prestava muito. Não importava,

era muito bom sentir tudo aquilo. Coitados deles que apenas voltavam do trabalho, eu estava voltando do céu.

Cheguei à minha casa já era dia seguinte. Todos estavam dormindo e nada sabiam. Só eu e ele sabíamos e isso era uma confissão. No espelho, um espanto: meus lábios estavam roxos e inchados! Parecia que havia apanhado, tamanho roxo que ele deixara em meus lábios. Eu ria de orelha a orelha. Talvez fosse isso que todos olhavam no ônibus. Era uma marca do que eu havia feito, era a prova de tudo o que eu seria dali em diante, não tinha mais volta. Tive medo do que pensariam, mas que se danassem. Aos vinte anos de idade vividos milimetricamente na linha da segurança e da moralidade, era a primeira vez que eu sentia o meu sangue levar oxigênio a cada célula do meu corpo. Era o meu *début*. Desde então levo sempre um batom roxo na bolsa para não me esquecer do que sou.

verso de aluvião

Fabio Scorsolini Comin

— *Ele escreve versos!*

Apontou o filho, como se entregasse criminoso na esquadra. O médico levantou os olhos, por cima das lentes, com o esforço de alpinista em topo de montanha.

— *Há antecedentes na família?*

(Mia Couto, O menino que escrevia versos, 2004)

Quando eu fico sabendo do *Poeta*, eu escrevo. Receita, verso, telegrama, decassílabos, bula, ladainha, mapa, convite de casamento. Escrevo uns dez e escolho cinco, depois escolho três para ver se um, ao menos, emplaca. Questão de oportunidade. Escrevo por encomenda, como um escriba de veraneio: abro a gaveta uma vez ao ano e espero que o pó não me cegue, é poesia, não é rinite!

Tomo a vacina da gripe porque todo mundo toma. Escrevo porque nem todo mundo escreve. Viro poeta sazonalmente porque isso ninguém faz. Faço um verso bordado e sem rimas óbvias, achando-me mais original que no ano passado. Engana-se quem acredita que mudei. São versos tão guardados, tão os mesmos, mais meus do que eu gostaria que fossem.

São vazios que não preencho com papel, são poeiras que não se curam com chuva, são lágrimas que não estancam com açúcar cristal. Ainda assim, escrevo e tento convencer alguém que essa dor deve ser compartilhada. Vou às minas porque preciso.

A possibilidade de não ser sozinho destranca a chave da gaveta do armário de cima. Olho com receio do bicho que mora em mim e pode me devorar. O verso escorre e me tinge da cor do barro. Quantos quilates vale este verso? A gaveta escapa-me às mãos e me atravessa. Na testa, um galo. No coração, uma bateia.

meu pé de jequitibá

Roberto Corrêa

Parei meu carro na estrada
Para poder descansar
Numa sombra aconchegante
De um pé de Jequitibá

Era uma tarde de dezembro
Tava um calor escaldante
Meus olhos foram fechando
Que adormeci num instante

Mas logo eu acordei
Com o cantar dos passarinhos
Redobrei minha coragem
Para prosseguir meu caminho

Botei meu carro na estrada
Não sei quando eu vou *voltá*
A rever a sombra amiga
Do pé de jequitibá

sujeira

Clélia Camargo Cardoso

(a todos que ousam amar, a pessoa certa ou errada)

Ficava contando as horas para chegar ao barraco imundo. O amor se tornou um vício. Uma garotinha linda de apenas dezessete anos, de aparência frágil, muito dócil, mas que se transformava quando se tratava de defender seus interesses. Estava envolvida com um traficante.

O namorado – um jovem tatuado, de barbicha, que gostava de boné, bermudas e camisetas enormes. Parou de estudar para cuidar dos “negócios”. Comprara um “ponto” em um local estratégico na favela mais antiga da cidade. Contratara olheiros que o avisavam sobre a polícia, estranhos ou inimigos. Andavam armados até os dentes.

O coraçãozinho da bela Diana disparava quando o celular dele atendia. A voz mansa do outro lado a dominava.

– Amor? Vou tentar escapar da aula hoje, quero ficar com você. – Ela se convidava.

– Tudo bem, que horas você vem?

– Lá pelas quatro.

– Quer que mande alguém te buscar?

– Queria tanto que você viesse... – Fazia charminho.

– Vou ver o que dá pra fazer, tem muito trampo hoje... – Diego levava a sério seu “trabalho”.

– Tá bom... – Desapontada.

– Nenezinha, não fica triste. Vamos ficar juntos até de noite.

– Te amo! Te adoro! Beijo. – Desligou ansiosa.

Arrumou a mochila como se fosse para a aula. Contudo, dirigiu-se ao shopping. Queria comprar uma roupa nova e algumas lingoeries. Gostava de ficar bonita para o seu homem. Ele lhe dava ordens sobre como queria que se

vestisse. Não aprovava roupas ousadas que a deixassem parecida com uma "perigete".

Perto das 16, dirigiu-se ao ponto de encontro habitual. Alguém viria buscá-la. Não tinha medo de nada. Ele era poderoso e sabia tudo.

Quando viu a moto verde virar a esquina quase não se conteve de tanta alegria. O namorado viera pessoalmente! Deu pulinhos enquanto o moço tirava o capacete.

– Amorzinho! Que saudades!

– Eu também! – Agarrando seu pescoço fininho, puxando-a para perto de si para beijar a boca docinha.

Diana quase desfalecia.

– Vamos logo. – Diego chamava sua atenção impaciente.

– Sim, meu amor.

Subiu rapidamente na garupa da moto ao mesmo tempo em que colocava o capacete rosa, presente dele. Apertava forte sua cintura, não por medo de cair, mas para acariciá-lo desde o primeiro instante.

Ele estava sempre cheiroso. Comprava roupas e perfumes caros, era extremamente vaidoso.

Rapidamente atravessaram a cidade. Chegaram à favela. Um dos capangas do rapaz pegou a moto para guardar.

Seguiram a pé até o barraco de Dentinho, apelido de Diego. Chamavam-no assim porque tinha os dentes para frente, tinha medo de colocar aparelho. Mas era um defeito que não lhe tornava feio. Era alto e muito forte. Os exageros da vestimenta o tornavam um pouco bizarro.

No "escritório", celulares se espalhavam pela cama, mesa e caixotes acumulados no pequeno cômodo. Embalagens de pizza também. Na geladeira, cerveja, vodca e refrigerantes à vontade.

Já foram se despindo. Ambos estavam esfomeados da carne.

– Esteve com alguém? – Foi logo lhe dando um tapa.

– Imagina, meu amor, você sabe que eu sou sua!

– Acho bom! Se souber de alguma traição, te mato.

– Eu sei. – Humilhada, Diana continha as lágrimas.

Pegou-a no colo, beijando-a ardentemente, colocando-a sobre a cama se-

benta onde se comia, se transava, se embalava a droga. Suavemente, beijava suas intimidades. Lambia com vontade aquela peça pequenina. Depois lhe dava um monte de mordidas na bunda. Ela gritava, mas gostava. Tinha aprendido a lidar com o prazer e a dor.

Diego era fiel. Embora bastante assediado pelas mulheres de todos os ambientes que frequentava.

Fizeram o sexo selvagem de sempre. No banheiro improvisado tomaram banho, ele docemente percorrendo o sabonete sobre o corpo esculpido e branco da amada.

Ela ficava quietinha, apenas sentindo a mão que a acariciava. Manchas roxas que ele fazia e admirava como obras de arte, se espalhavam pelos seios, nádegas e coxas.

De repente uma batida na porta os incomodou. Ainda estavam nus.

Diego pegou a arma. Pelo número de toques, parecia um dos seus.

– Quem é?

– Sou eu, Biquira.

– Ô mané! Que que tá acontecendo?

– Chegou um carregamento...

– Agora? Da onde?

– Do Nelinho. Ele veio pessoalmente.

– Fala pra esperar. Leva a visita no boteco pra tomar uma enquanto eu me arrumo.

– Falou chefia! – Retirou-se o companheiro.

– Tem que ir agora? – Diana se manifestou inconformada.

– Tá ouvindo, né? (em tom rude) Aproveita para dar uma geral, limpe um pouco esta bagunça.

– Tá. – Sussurrou incomodada.

Ele vestiu as roupas rapidamente, colocou várias armas em partes diferentes do corpo. Pegou um bolo de dinheiro embaixo do colchão.

– Vou nesta.

Deu-lhe um tapinha na bunda. Ela se esfregou nele.

– Volta logo. – Como uma cachorrinha que gemia.

A sujeira era muita, não sabia por onde começar. Tinha medo de jogar fora alguma coisa importante. Pegou uns sacos na prateleira da cozinha e começou a recolher o lixo.

As embalagens de cocaína bruta ficavam enterradas no chão. Ele experimentava todas as drogas que recebia para conferir a pureza, mas não era viciado.

Aproveitou que estava sozinha para ligar para a mãe. Queria avisar que iria chegar tarde, diria que estava estudando para prova.

– Tá bom, filhinha, quer que eu vá te buscar?

– Não, o pai da Pâmela vai nos levar.

– Ok. Beijos. – A genitora pressentiu alguma coisa no ar, mas não deu importância. Levava muito trabalho para fazer em casa. Era assessora de um político.

– Beijos. – Despediu-se com a vizinha fraca, de quem está abandonada.

Sentia saudades da mãe e do tempo em que se deitava sobre seu colo. Agora estava só, não podia lhe contar o que estava acontecendo. Nem para as amigas. Algumas sabiam que estava namorando, mas nada conheciam sobre ele. Ela não possuía Orkut, estava proibida por ele de fazer perfil na internet.

Lavou a louça que encontrara espalhada. Tinha de tudo, resto de café, leite, bebidas alcoólicas e comida. Em casa nunca faria isto. Era de uma família de classe média alta. Morava na zona sul. Frequentava um dos melhores colégios da cidade. No ano que vem prestaria vestibular.

Diego demorava a voltar. Ficou com medo pela primeira vez. Estar sozinha naquele lugar meio escuro a apavorava. Temia por Diego também. Será que algo tinha dado errado? Começou a ficar ansiosa. Resolveu ligar do celular.

– Bebê, fica aí quietinha, já estou voltando. – Tentou acalmá-la.

– Estou com medo... – Quase um miado. Tinha vontade de chorar.

– Fica tranquila, vou mandar alguém vigiar o barraco.

– Tá bom, vou ligar a TV.

Percebeu a voz dele meio pastosa. Teria bebido muito? Ou cheirado?

Ligou a televisão, ficou assistindo a novela das 20. Cochilou. Assustou-se com a mão gelada enfiando-se por entre suas pernas.

– Amor! Que bom que você chegou.

– Tira a roupa, logo! – Ordenou o jovem.

Enfiava a língua na boca deliciosa da namorada, enquanto acariciava os peitos e mordia suas orelhas e seu pescoço. Diana se entregava com prazer ao seu macho.

Amaram-se com o ardor de sempre. Já era meia-noite quando o casal resolveu que era a hora dela ir embora.

– Tá na hora, gata.

– Vamos (desanimada). Quer um chocolate? – Colocou o doce que comprara no shopping na boca do amado.

No dia seguinte Diana acordou lenta. Embora tivesse dormido bastante. Seu corpo doía. Sua cabeça estava pesada. Arrumou-se como de costume para ir à aula.

Na hora do almoço assistiam ao jornal enquanto comiam. Ficou pálida quando soube do estouro de um ponto de tráfico de drogas justamente na comunidade que ela frequentava. A reportagem mostrou a polícia fortemente armada. Os traficantes haviam sido presos. Passou mal. Ninguém entendeu nada. Apenas o irmão mais novo ficou desconfiado.

Diana fugiu da escola, foi à favela saber notícias. Seu Paquinho do boteco saberia informar.

– A coisa tá preta por aqui menina. Eu se fosse você dava um tempo.

– Mas ele foi preso também?

– Foi. Apenas o Biquira se safou, o esperto não estava.

– Ai meu Deus! E o advogado foi avisado?

– Creio que sim. Mas a PF é foda!

– Imagino.

– Disseram que tinha gravação.

– Então o negócio de ontem foi uma armadilha.

– É minha filha. Dentinho se deu mal.

– Sabe pra onde eles foram levados?

– Nem imagino. Você tentou o celular?

– Sim, só dá caixa. Mas estou com medo deles me pegarem também.

– Vão investigar todas as ligações, é claro...

Diana não sabia por onde começar. Queria vê-lo de qualquer jeito. Tinha os contatos do advogado. Ligou para ele. Soube que estava tentando *habeas corpus*. Visitas eram possíveis, mas ela teria que esperar um pouco.

Em casa foi inquirida pela mãe (o irmão caçula dera a dica). Queria saber tudo. O que estava acontecendo, porque não ia às aulas? As notas estavam péssimas! Que relação a notícia da TV tinha com o que estava fazendo? Imaginava que a filha estava viciada em drogas. Mas foi bem pior saber que ela estava envolvida com o bandido preso.

– Meu Deus! Diana, você uma menina bonita, saudável, envolvida com um sujeito da favela? Nem é por ser da favela, mas pelo que ele faz! – Tentando amenizar o preconceito já manifestado.

– Mas eu gosto dele!

– Gosta desse homem perigosíssimo? O que você sabe sobre isto, meu anjo?

– Tudo! Nós estamos juntos há mais de um ano. Acho que estou grávida!

– Também? Nem acredito!

O pai evitava falar qualquer coisa, porque se falasse explodiria. Acompanhava pacientemente a discussão das duas. Pressentia que não havia muito a fazer. Era um pouco tarde demais.

Enquanto conversavam, Diana recebeu uma ligação do advogado informando que seria possível a visita à delegacia de tardinha. Ela teria que estar na delegacia às 17h30.

– Mãe, vou ter que sair. Não quero ninguém atrás de mim. Vou levar o celular. Darei notícias quando puder.

– Não vá, eu te peço. Se você quiser, tenha este neném e faça uma viagem...

– Não adianta. Tenho que ir, ele é o homem que eu amo, o pai do meu filho. – Bradou aos prantos.

– Filhinha, se precisar de qualquer coisa, estaremos aqui. Lembre-se de que continuamos sendo sua família. – Disse o pai relutante.

– Eu sei, papai. Obrigada. – Mais serena, mas decidida.

Pegou a mochila e saiu correndo em direção à porta. Precisava encontrar um táxi.

Finalmente conseguiu vê-lo. Que sofrimento. Diego estava bem machucado. Não falaram muito, apenas o necessário para se atualizarem sobre os acontecimentos e o que viria pela frente. Ele não havia sido pego em flagrante, havia chance de responder em liberdade. A droga, bem escondida, não havia sido encontrada. Agora pai com apenas 24 anos, o jovem delinquente se emocionou com a bela notícia.

Diego lhe pediu para ficar em casa aguardando contatos do advogado. Nada de ir ao barraco.

– Sim, eu entendi.

– Agora que tem um filho meu aí, tem que se cuidar.

– Tá bom. Mas não quero te deixar. Do que você está precisando?

– De nada. – Falou baixinho. – Apenas de você. – Abraçou-a ternamente.

– Agora vai. Vou ficar bem.

– Sim, querido, te amo. – Diana respondeu bem baixinho.

Ligava para o advogado diariamente. No dia da visita ficava ansiosa. Era uma criança brincando de ser grande.

Diego ficou em prisão temporária por quase um mês. Quando foi solto, a namorada estava lá. A barriguinha aparente. Ele estava triste, cabisbaixo e preocupado.

– Diana, não sei se vou poder te dar o que você precisa. Ainda mais agora, que o negócio está abalado.

– Estou com você. Sou sua mulher, mãe do seu filho!

– Mas é justamente por isto!

– Quero ficar com você, não vou te deixar nunca mais.

Ele não respondeu. Precisava pensar. Se fossem viver na favela, ela correria riscos. Se fosse mudar de vida, não conseguiria nunca dar o sustento que gostaria, para a sua família. Teria que recomeçar do zero.

Ficariam num apart-hotel até as coisas se estabilizarem. Diana avisou aos pais que estava com ele.

No dia seguinte, Dentinho ligou para Biquira. Precisava saber como andavam os negócios. Pensava que a droga ainda estava escondida. Era preciso arrumar um meio para retirá-la de lá, precisava fazer dinheiro. Combinaram um encontro. Confiava no amigo e compadre.

Os pais ficaram inconsoláveis quando foram avisados sobre a morte dos dois. Os corpos foram encontrados em um matagal, varados de bala depois de vários dias de busca.

O jovem casal foi enterrado junto, por acordo das duas famílias. Na lápide, encomendada pela mãe da moça, a foto dos dois juntos e versos de "Eu sei que vou te amar", canção de Vinicius de Moraes e Tom Jobim.

Clélia Camargo Cardoso

CIRP – F • "Sou analista de sistemas, mas descobri que gosto de escrever. Tive um conto publicado no volume 16 e recebi uma menção honrosa no concurso "Cleber Onias", em 2009, que me estimularam a prosseguir."

<http://clelia-escritos.blogspot.com>

um sonho lúcido

Ana Cristina A. Benjamin

Um sopro de luz e uma brisa vêm do alto. Como pode? Quantas luzes e brisas ainda teriam de vir? Inúmeras ainda virão. Mas elas não de se findar quando as estradas de pedra grosseira e dura se dissolverem nos bosques.

Ah... os bosques! O ar fresco já invade minhas narinas como se estivesse realmente ali. E de certa forma estou. Ou deveria dizer: "poderia estar"!

O sol quente permeia os pequenos buracos, permitidos pelos galhos que dançam, iluminando como uma peneira o solo cheio de folhas recém-caídas, cansadas.

E a cantoria difusa dos pássaros que parecem sentir minha presença... e gostam dela! De quando em quando encontro-me nessa suposta insanidade, mas creio de toda a alma que posso chamar lucidez. Como é boa!

Em verdade posso sentir a doçura do bosque que me saúda sempre que consigo voltar. Que alegria! Que pena acordar outra vez.

Ana Cristina A. Benjamin

FFCLRP – A – Ciências Biológicas • "Escrevo pelo momento, para o momento... Sou 'caloura' na publicação. Acredito que não há nada mais belo do que compartilhar os sentimentos."

um dia normal

Paulo Henrique da Silva Lopes

Caminho sozinho numa doce manhã carnavalesca,
Com adereços sem endereço num carnaval da alma.
Essa carne estapeia-me as fuças
Numa dor que não se entende.
Não se estende a tantas manhas
Que se apresentam na arte do engano.

Num barco desgovernado
Em meio a um Estado sorrateiro,
Eu governo sorteios de pesares
E me peso preso em pretensões
De ações não autônomas,
Não sinônimas de mim.

Amanheço-me nesse caminhar eterno
E não temo
Sujar esse terno riscado de giz de cera colorido.
Tudo resplandece cores,
Exceto as maçãs de meu rosto corado,
Alimentado a leite e carvão.
Incendeia essa minha angústia que esfria o estômago,
Num ego sem limites limitando todos meus apegos.
As casas passam,
Os casos partem,
As coisas mudam.
E essa minha muda de esperança permanece muda
Em seu canteiro
Um canto silencioso.

Contudo,
Caminho sozinho nessa manhã de carnaval,
Na qual nem meu cachorro segue ao lado latindo feliz,
Como era de se esperar para algum final de espera.
Nesse amor espartano
Parto-me em lanças de fechamento.
Chuto chamarizes
Chamo chimpanzés a chegarem ao aconchego.
Xingo chapando os cheiros do chique:
Perfumes de chiqueiros.
Mas
Chega de chamados e chiados!

Ainda ando nessa manhã de carnaval,
Com o mesmo sorriso estático estampado no nariz.
O sol empoeirado se empoleira
Em cima dos montes verdes
Para ver de perto a minha alma sem calma e sal.
Nem doce.
Nem porre.
Nem nada.
Contento-me com os passos sem vento.
A trilha sonora se faz um pagode de domingo à tarde
Entardecendo toda a monotonia
De ver as mesmas coisas irônicas.
Só não sei que coisas são essas.
Se estão.
Se vão.
Em vão.
E vou em um caminhar sem voo, nem voltas tornar.
Reto me arrasto rastejando rastros de revolta retida.
Retiro-me da festa que não se acaba.

As alas passam em alardes alados,
Confusas e ingênuas.
O pescoço não reconhece a diferença dos gêmeos.
Em um gemido atado às algemas,
Nalgum lugar visam.

Só minha estrada ainda insiste em assistir-me com pipocas,
Sem nenhuma assistência ou apontamento.
Desaponto desilusões.
Iludo na noite sem estrelas,
Estrelando esse mesmo filme de vida.
Retiro-me da festa da carne, que não se acaba,
Caminhando nessa manhã de sol em carnaval fúnebre;

mudanças

Paulo Henrique da Silva Lopes

Na frente fecunda jaz a potencialidade
Que a condição traz à atividade...
Qual?
Vida!
Já em vós se uniformara um pensamento,
E o despertar de outro mundo
Carrega em seu seio o tormento.

Evolução cega!

Se o velho e debilitado Ser não corre,
Morre pela prevalência do novo que vinga.
E da vingança nasce a batalha
Entre o que era,
E o que se torna.

Mas a fórmula não expressa
A espessa vontade de vida do antigo
Que ao risco de sucumbência
Não descarta a demência como arma.

Todos nascem,
Ninguém pediu pra nascer,
Todos morrem,
Ninguém pediu pra morrer.
Mas matam para que a vontade
Se faça a verdade da imortalidade;
Ilusória.

Seja essa uma batalha transitória
No campo de guerra,
No santo do erro
No mando da era,
No mundo das ideias;
Enterro.
Prevalência e segurança ilusória.
Mas necessárias...

doreverso

Adilson Roberto Gonçalves

ruidosas casas avançam em meu jardim
quero sossego, cheirar o arco-íris, enxergar o vento.
natureza feito deusa imaculada que prospera,
mas apenas na imaginação.

perigosas caças a caçoar de mim
no mero devaneio de odores, amores e lamento
a tristeza invade o ser carnal que se desespera.
faz tempo que apenas ouço não!

teimosas peças não resistem aos dias, enfim.
farelo de ferrugem e forte o envelhecimento
leveza etílica que na atmosfera acelera
o gás produto inexorável da decomposição.

prosas se transformam em um verso chinfrim
zero de tolerância, cruel passagem deste momento,
pobreza maldosa da mente em ruína sincera.
fugaz nas palavras, eis a triste conclusão.

posas agora, uma musa despida de perfume de jasmim
eros que despertaria a chama em tormento.
certeza que lúcidos loucos triunfarão nesta era:
jaz aqui o entulho de uma ideia em podridão!

mens mobile

Adilson Roberto Gonçalves

Cinética da revolução atemporal,
tudo o que acontece são colisões de partículas,
o vazio não existe, o movimento é sempre.
Não há silêncio.

Alma não tem peso, mas força.
Ideias vagueiam de corpo a corpo — energia em matéria.
A ciência resume-se ao saber primitivo,
fariam parte de todos nós — ciência e alma.

Mas as medidas quantitativas
mostram números da inverdade
de que somos todos felizes a 11 mil dólares por mês.
Insensatez. O preço é mais alto.

Energia nuclear não é fóssil
geologia e política se confundem com o direito
mas a tv continua mostrando palhaços eleitorais,
programas fantásticos e a apologia à irrealdade.

uma passagem pela ponte

Adilson Roberto Gonçalves

Cruzava aquele rio todo dia. O serviço era do outro lado, quilômetros de estrada de chão batido, lama na chuva, poeira na secura. O caminho já lhe era parte do corpo, encravado nas unhas dos dedos dos pés sempre descalços ou na silicose avançada dos pulmões. A parte da ponte era a única de concreto, a única em que não compartilhava seu corpo com o da estrada. Usava os olhos para admirar o rio que por baixo corria. Manso, barrento e largo, como o rosto da moça.

Todo dia saía antes do sol, voltava bem depois de ele ter ido. A jornada era capinar onde houvesse mato ruim, aparar jardins, recolher folhas – um trabalho feliz, melhor que o do pai e do avô, que era na enxada no sítio do dono onde eles moravam, e, além do direito de morar, restava apenas a horta própria para salvar a si e aos inúmeros filhos. Não lembrava muito disso, mas as sinapses cerebrais lhe davam essa imagem.

Tinha sua experiência de vida, mas não era homem casado. Filhos também não possuía, que soubesse. Cruzava o rio duas vezes; na ida quase sempre estava clareando e via o que viu. Na volta, quando muito, o refletir de alguma luz ou o movimento de algum sapo ou cobra. Via a imagem de um rosto naquelas águas. Balançava a cabeça, olhava em frente, continuava a caminhada.

Mas um carro parou logo à frente, em cima da ponte. Era na volta, escuro. Pouco deu para pensar ou analisar, pois a moça se atirou para fora do veículo e, sem espaço de tempo, lançou-se do alto da ponte para dentro do rio. Não sabia o que era aquilo, mas a adrenalina lhe subiu pelo pescoço eriçando os pêlos da nuca. Largou tudo – saco com tesoura e ferramentas de corte e a marmitta vazia e correu na direção do carro, ainda ligado e aceso. Olhou para baixo, nem sapos mais ouviu, apenas um aparente borbulhar, restando um

redemoinho para se ver.

A passagem pela ponte sempre lhe dava um hiato na incorporação física daquela estrada. A água não fazia parte do seu meio, apenas refletia na retina e, de algum jeito, chegava no cérebro. Não se atiraria, nem sabia o quanto alto era aquilo.

Foi embora.

Naquela noite, no casebre após esquentar um feijão de corda com um pouco de arroz no fogão de brasa improvisado, comer e tomar um gole da cachaça de uma garrafa que ganhou meses antes, deitou no colchão de palha para refletir. Mal tinha visto o rosto da moça, mas era de espanto. Se estava vestida? Parecia que sim e era algo muito escuro, apesar da distância.

Demorou a dormir e o seu dia seguinte começa com a cabeça tonta. Prepara a marmita, faz e toma um café preto, pega a sacola e vai respirar o caminho novamente. A ponte se aproxima e está diferente. Um outro carro está ao lado do que vira ontem. Quatro homens em roda conversam de pé. Quando o avistam, mudam de posição e suspendem o interlúdio, como se o assunto fosse ele.

– O senhor passa sempre aqui? – Ousa perguntar um deles.

Tremedeira.

– Sim, *sinhô*.

– Sabe o que aconteceu? Passou ontem aqui?

– Sei não, *sinhô*. Tô indo *trabaiá*. É lá pra frente...

Procurou não olhar para o rio, com medo de ver a moça afogada ou comprometer sua alegação de desconhecimento. Passou, mas reparou que os dois carros foram ligados e começaram a se movimentar. Um passou por ele, já depois da ponte, alimentando o pó nos brônquios, depositados mais rápido agora, pois a respiração estava ofegante. Medo. Passou e foi embora. Logo atrás veio o outro, o que estava com a moça ontem à noite. Passou devagar, tinha os outros dois caras sentados na frente. E, do banco traseiro, uma moça olha para trás e o fita longamente. A moça que se atirou ontem! Ela sorri. O desfile foi apenas para lhe mostrar a distinta e o carro acelera depois disso. Parou o passo. O que aconteceu?

O dia foi menos produtivo, ansiedade por voltar pela ponte. Os sapos vol-

taram, um refletir de águas também, mas um cheiro diferente pairou no ar. Rosas. Acelerou o passo.

No dia seguinte não foi trabalhar. Resolver ir na outra direção daquela estrada caminhada apenas em dias de romaria ou da compra semestral, que dá na cidade. Foi ter na igreja, procurou o pároco, única pessoa com quem podia e tinha como conversar. Mesmo na venda, visitada de quando em quando, quase nada falava.

– O padre sabe o que aconteceu na ponte?

– Até tu vens com essa história! Nada aconteceu. Uma moça resolveu beber e sair dirigindo por aí e dormiu no carro sobre a ponte.

– Mas ela *pulô*...

– Que dizes? Uma megera bêbada, apenas isso.

Confuso, pôs-se em marcha para tentar chegar ainda ao trabalho, sem ganhar muita reclamação. Passou pela ponte, sapos e luzes não se faziam presentes. O sol já ia alto. Mas o cheiro de rosas pairou no ar, novamente.

Não era de superstição ou medo. Mas a intriga lhe incomodava. Viu o que forçava ver. Uma dor latejante foi se alojando na cabeça. A mesma que sentiu quando veio morar naquele lugar, não se lembra quando. Nem soube o que fez naquele dia de trabalho. Juntadas as coisas, a marcha de volta resultaria na passagem pela ponte noturna.

Agora estava tudo igual, mas sentia a diferença dentro de si. O cheiro de rosas era forte e constante. Já não sabia se era o que vinha de fora para dentro das narinas ou se era o registro encefálico dos dias anteriores. Quase chegando ao meio da ponte um ruído de baixo o parou. Palpitações. Resolveu olhar para baixo. A moça estava ali, como se flutuando nas águas, blusa escura, pouco decote, saia e pareciam sapatos. Tudo escuro. Ela sorria, mas começa a afundar lentamente. O sorriso passava a ser trocado por olhos de súplica. Pedia para ser salva, ele sabia. A dor de cabeça estava insuportável e uma atitude tinha de ser tomada.

Sem tirar sua vestimenta atirou-se para abraçar a bela moça. Os pulmões carregados de pó em nada ajudaram para segurar um pouco a respiração. As mãos fortes com as tesouras e enxadas não sabiam dar braçadas. Morreu afogado com um sorriso matreiro no rosto, que indignou uma beata no velório

improvisado na delegacia três dias depois, quando resgataram o corpo algumas léguas a jusante do rio.

– O padre conhecia esse infeliz? – Pergunta o escrivão da polícia.

– Sim, era um maluco que vivia num casebre atrás da cidade em direção ao rio e dizia que a ponte tinha uma mulher muito bonita. E era por isso que ele passava ali todo dia, dizendo que ia trabalhar do outro lado. Era um infeliz.

Adilson Roberto Gonçalves

EEL – D • "Tenho poemas publicados no *Poeta* e em outras antologias."

<http://priadi.blog.uol.com.br>

tugúrio

André Prado

Seres de almas desfiguradas
Uma vida imperscrutável
Doce e violento inverno
Repleto de físgas escondidas
Sempre a nos fazer
Prisioneiros de nós mesmos
Pássaros jardineiros polinizam
Produzindo as mais belas flores
Através de um amor assexuado
Presentes no macrocosmo
Irrracionalmente povoado
Por deuses tão-somente
Inescrupulosos e destrutivos
Nomes ecoam no universo
E nos emblemáticos versos
Prossigo desesperado
Por não ter mais o que dizer
Abrigando o meu ser
Nos refúgios da vida

André Prado

EEL – F • Amante da literatura, sempre participa de atividades culturais relacionadas à poesia. Teve poemas publicados nas edições 15 e 17 do *Poeta*.

www.andreprado.com.br

tempesta

Caroline Marconato

Como porções de águas longínquas
que partem do meio do oceano
e à praia chegam,
retornarás.

Serás indubitavelmente arrastada de volta,
mesmo que contra tua vontade.

Pertencerás outra vez ao nada
onde apenas cavalos-marinhos
podem cavalgar.

O oceano
teu teto inseguro
morada de amigos insensatos.

E eu, desfalecido sou,
desfeito em incontáveis grãos
assisto ao teu espetáculo.

Esperando que ventos
te carreguem de volta à costa
por apenas alguns instantes.

dor constante dedicada
aos teus eternos regressos passageiros.

Cobres o mundo, evolve
Que o sol evapore-te
E imploro — chove sobre nós.

as coisas

Roque Pinho

Mexeu na seta do dizer
por cima das conversas
Feriu-se desmerecido
num espinho de gente
porque ondulava
E deu de amar as coisas
somente as coisas
Guardado com inocências
abriu-se
para a tarde inteira:
uma pipa pelo ar
ventando grande
assovio sem dono
ponta de vento floreado
cigarra no cajueiro
estridulando
passarinho na terra
graveto no bico
cisca, cisca, voou
(dentro da própria música)
e pousou alto
perto do amor amarelo
que pendia plácido
oferecido
doce
sem espinhos...

e tudo era quintal.

impressões

Roque Pinho

Repouso calmo em teus braços,
ao teu peito, como a chuva iminente
no acolchoado das nuvens.
Roçam-se as palavras em minha boca,
confusas, tontas, sem sair...
Minha alegria abraçando teus gestos...
E meu olhar...
Ah! meu olhar,
a amálgama parcimoniosa entre
a vontade e a dúvida.
O estado mais puro e desconhecido das coisas!
Conservo-te em minhas impressões,
em meus sentidos, em meus sonhos...

Mas à distância de nossos corpos,
outros destinos se nos turvam, acontecem.
Desfaço-me em vestígios teus
quando minha retina embebe-se de tua ausência...
E dorme em teus olhos claros
a minha imagem angustiada,
doendo-se em gritos mudos.
Um ventilador de sonhos
É o teu silêncio soprando em mim...

Roque Pinho

ESALQ – Doutorado – Engenharia de Biosistemas • "Tenho crônica e poemas publicados nos volumes 15 e 16 do Poeta."

o ruído das redes na casa amarela

Amanda Ferreira

— Pedrosina, é você?

— Sim, Avelino, sou eu todinha.

— Trouxe um cacho de banana, mas acho que você não vai querer.

— E por quê?

— Porque é de morto.”

[história que minha avó contou quando perguntei do vô]

outrora tão mimosa
floração roxa no charco
seco

que travo agora a água
nas entranhas combalidas
de rodopios gagos
antigas mazurcas, carroças, novenas
e cantos de Patativa

contando os instantes a tornarem-se sombras de instantes
as mãos fartas enterram-se como conchas no ar
perdem-se no rastro diáfano das coisas:
— um milharal no telhado
— o jumento sob a mesa de jantar
— Avelino veio e me deu um beijo

os olhos de minha avó
semicegos, semiclaros
engendravam cavernas e cantos
quase-eternos cantos de umbral
eram cataratas a embalar filhos e netos
por cosmogonias sem futuro

quebra

Amanda Ferreira

vaga
que o mar apruma e ausenta a hora

rosa pálida
enquanto o barco e sua música ocarina
naufragam

o pescador de mãos *hundidas*
— átrio mudo atravessado
por cordão de prata —
feixe vivo de escamas
brilha no avesso do ar

e na orla, quando o sol afina
um cardume beira estrelas sopra do mar
passear em ventre de urubu

a uma légua
se farta o coração vulcânico da duna
quando devora a última cruz do inútil cemitério
misteres limítrofes

vaga
que o mar apruma e ausenta a hora

Amanda Ferreira

TV USP/Piracicaba – F – • “Nunca publiquei nem participei de saraus.”

o x da questão

Camila Silveira Stanquini

Dez horas. Toca o despertador. Despertador? Não, telefone: uma de suas amigas convida-a para passar mais uma tarde no shopping center. E assim começava mais um dia. Café da manhã, banho quente, espuma. Horas em frente a um espelho preparando-se para um dia duro, enfrentando escadas rolantes e vendedores amistosos. Esse era seu trabalho: gastar, vestir-se bem e distrair-se o suficiente durante o dia para deixar a política agir após o jantar. Bem sucedida, sofisticada, amante milionário. Tudo vai bem. Observa-se fixamente no espelho, seminua. Está ótima. Fita a imagem atentamente. É difícil compreender o que se passa na cabeça de uma mulher de meia idade. Até que um dia ela se questiona sobre o que passa por entre suas pernas...

Era uma mulher como todas as outras, exceto por um único detalhe: entre suas pernas, no lugar de uma vagina, um pênis a premiava. Acordava todos os dias, olhava-se no espelho e lá estava ele. Não se engane, era madura, bem resolvida e sabia exatamente aquilo que lhe dava prazer... Mas ainda restava-lhe esta dúvida.

– Por que um pênis onde poderia haver uma vagina? – Questionava a amiga, já no shopping, enquanto almoçavam.

– Que história é essa?

– Me olhando no espelho, pela manhã, comecei a pensar... Isso nunca te aconteceu?

– Depois de tantos anos? Claro que não! E você também não deveria pensar nisso. Com aquele deputado e o dinheiro que ele te dá, se preocupar com questões tolas como essa é perda de tempo.

– Eu sei, mas...

– Mas o quê? Olha, se isso realmente te incomoda, por que então não

procura ajuda?

– Ajuda? E por que você não me ajuda?

– Não esse tipo de ajuda, eu quero dizer ajuda de verdade... Alguém que possa te responder isso com certeza. Alguém como... Como uma cigana! Sim, conheço uma ótima! Vamos, vamos que eu te levo até ela agora mesmo!

Aproximando-se de uma barraca, curiosa em busca de sua resposta, começa a sentir o incômodo odor da mistura de perfumes baratos e fumaça, quando finalmente aparece a sua frente uma figura um tanto quanto curiosa, saia vermelha, tão longa quanto os cabelos negros que caíam por seus ombros, metro e meio de altura sob um turbante cuja cabeça mal sustentava. Era a tal cigana, a resposta de todas as questões, a solução para todos os problemas que atormentam a vida de qualquer pessoa. Amor, dinheiro, sorte, futuro, ela era capaz de desvendar qualquer coisa. Talvez até mesmo a existência de um pênis onde poderia haver uma vagina.

– Vejo nos teus olhos a busca por uma resposta... Oh, sim, me deixa ver tua mão... Oh, hum... Isso... Isso mesmo... hum... Você conheceu ou conhecerá um homem, um homem capaz de te dar tudo... Sim, você será muito rica e muito feliz, está escrito bem aqui, oh... Tá vendo?

– Sim, acho que sim...

– Bem, são R\$ 15,00.

– Oh, não, espere! Não vim aqui para te perguntar isso...

– Não? Então, o que é? É sobre o passado? A barraca de contato com os mortos é a terceira, ali do lado, a preta...

– Oh, não, não! Não quero conversar com gente morta... Apenas quero que me ajude a encontrar uma resposta sobre outra coisa... Sabe, por que existe um pênis no lugar de uma vagina?

– Por que o quê? Ora, isso é pergunta que se faça? Existe o pênis por que não poderia haver uma vagina, é simples! Os meninos nascem com pênis, enquanto as meninas, sem ele. É por isso que quando crescem se casam com um homem rico e que tenha um pênis. E acho que é justamente o que você deveria fazer. Agora, vamos, sem enrolação, são R\$ 25,00.

Insatisfeita, sem resposta e ainda mais confusa. Era assim que se encontrava no momento em que saiu da barraca da cigana metro-e-meio. "Os meninos

nascem com pênis, enquanto as meninas, sem ele." Mas por quê? Precisava de alguém que entendesse dessas coisas da vida, alguém que pudesse responder a uma questão da criação... Um padre! E foi então que, acompanhada de sua amiga, foi até a igreja mais próxima atrás de um padre que pudesse responder-lhe tal questão.

E que outro jeito para conversar com um padre senão no confessionário? Lá estava, por detrás da cortina, a resposta que ansiava.

– No que posso ajudá-la, minha filha?

– Padre, eu tenho um problema... Procuo uma resposta...

– Ora, minha filha, pois veio ao lugar certo! Reze três pai-nossos e cinco ave-marias e Deus vai te ajudar.

Três pai-nossos e cinco ave-marias depois, volta ao confessionário:

– Padre, rezei os três pai-nossos e cinco ave-marias como me pediu, mas de nada adiantou. Será que o senhor não poderia me responder de uma vez?

– Diga, então, qual é o seu problema?

– Padre, por que meninos nascem com pênis, enquanto as meninas, sem ele?

– Ora... Cof cof... Hum... Vejamos... Por que Deus nos fez assim... Meninos nascem com pênis e meninas sem ele. E quando crescem se casam e têm filhos e só fazem isso por que um deles nasceu com e outro sem.

– Sim, padre, mas...

– É a lei divina e você não deve contestar, a não ser que você esteja cortejando o diabo. É ele que se apegua a essas coisas! Vá rezar mais dez pai-nossos e quinze ave-marias, vá para casa e não pense mais nisso e nessas coisas do diabo.

Coisa do diabo. O que o diabo teria a ver com o fato de ter um pênis no lugar onde poderia estar uma vagina? Desiludida, volta para casa com sua amiga e recorre ao senhor de todas as respostas: *Google*. Certamente, nele ela encontraria algo. E, de fato, encontrou.

– O padre estava certo! Isso é realmente coisa do diabo. Olha aqui, um pênis num corpo de mulher! E uma cabeça de bode...

– Bem parecida com aquela máscara que usou aquela vez na festa...

– Isso não importa, não sabe que essas histórias religiosas são cheias de

bodes? O fato é que ele tinha razão... Preciso encontrar alguém que entenda disso pra me ajudar!

Algumas pesquisas a mais, acabou se deparando com o endereço de um grupo que parecia entender bem do assunto e não demorou até ir ao seu encontro.

Sala escura, cinco rapazes e as duas moças, reunidos no sótão de uma velha casa caindo aos pedaços. Diversas pinturas curiosas feitas sobre as madeiras que forravam o ambiente iluminado por velas.

– Tem certeza de que isso vai me ajudar a encontrar uma resposta? – disse.

– Certamente, o ritual jamais falha.

Bizarro. Sequer aguentou esperar o final, saiu correndo daquele lugar, tamanho o espanto das cenas que presenciara.

– Você não deveria ter saído daquele jeito no meio do ritual! Se é coisa do diabo, vai que ele se zanga e joga uma praga em você, uma doença, sei lá!

Paranoica, estava certa de que o melhor a fazer era consultar um médico.

– Diga-me, doutor, eu vou morrer?

– Ora, minha senhora, todos um dia vamos, mas não se preocupe, o seu dia ainda não chegou. Está tudo bem com a senhora. Mas por que me procurou assim, tão aflita?

– Sabe o que é, doutor? Eu estou com um problema e cada vez que procuro alguém para me ajudar, acabo me enrolando mais... Será que o senhor não poderia me responder uma coisa?

– Pois não?

– Doutor, por que meninos nascem com pênis, enquanto as meninas, sem ele?

– Ora, é simples. Meninos nascem com pênis e meninas sem, porque esses atributos anatômicos são dados pela diferença de gênero, garantida no momento da fecundação, de acordo com os cromossomos selecionados.

– Cromossomos selecionados no momento da fecundação?

– Façamos assim: já que é tão importante para você solucionar essa questão, vou encaminhá-la para um amigo meu, um biólogo professor da universidade aqui próxima. Ele vai poder esclarecer melhor essa sua dúvida, o que

acha?

E assim foi feito.

– Boa tarde, o doutor disse para procurá-lo, será que poderia me esclarecer uma dúvida?

– Pois não, ele comentou comigo que foi, antes, procurado pela senhora com uma dúvida a respeito de reprodução, certo?

– Na verdade, eu queria saber o que são cromossomos e o que eles têm a ver com a diferença de gêneros e os atributos anatômicos garantidos na hora da fecundação, como o doutor falou...

– Bem, vejamos. Todos nós, seres vivos, temos em nosso corpo células com características próprias, herdadas de nossos pais. Quando fomos fecundados, as características passadas por nossos pais se misturaram, foram selecionadas e deram origem ao que somos hoje. Essas características são passadas pelos cromossomos das células, que guardam o material genético, o DNA. Só que a escolha do sexo ocorre aleatoriamente, de acordo com a combinação de dois tipos específicos de cromossomos, chamados X e Y. Para nascer menina, tanto o cromossomo herdado do pai, como o da mãe, deve ser X. Já para nascer homem, um deles deve ser Y. É assim que se determina o sexo das crianças. Entendeu?

– Então quer dizer que os gêneros existem por que existem os cromossomos?

– Sim, e sem eles, não haveria vida, pois não haveria como perpetuar as espécies.

– E por que há vida?

– Bem, a vida... A vida tal como a conhecemos existe graças a uma série de reações químicas... Sala 22, terceira porta à esquerda. Lá você encontrará um outro professor, um químico. Diga a ele que eu a mandei até lá, caso esteja curiosa sobre isso também, ele saberá como explicar.

Três portas depois, lá estava ela, novamente, sentada, conversando com um professor de química que lhe falou sobre as cadeias carbônicas da matéria, o que a fez consultar um novo professor, dessa vez um físico teórico, pois ela também queria entender um pouco mais sobre essa tal matéria.

– O universo é constituído de matéria e antimatéria, ele disse. – E nós

somos parte daquilo que chamamos de matéria. Nós e todo o resto que conhecemos. Em algum momento da existência cósmica, talvez, a interação entre a matéria e a antimatéria tenha ocasionado aquilo que chamamos de *Big Bang*, fazendo com que, do que antes era tido como o nada, surgisse tudo o que temos hoje.

– Mas... Se não havia nada, por que, em algum momento, algo poderia acontecer? E quando aconteceria?

– Na verdade, dizer que não havia nada e dizer que havia o nada, são coisas bem distintas. Havia o nada. E do nada, surgiu tudo... Mas, então, a sua dúvida começa a se encaminhar para o ramo da metafísica e, creio eu, que nada melhor do que um filósofo para ajudá-la.

– Posso encontrar um filósofo aqui também?

– Como não? No final do corredor, o professor ainda deve estar em sua sala a essa hora.

Porta entreaberta, observava um senhor curioso, perdido entre livros e papéis que pareciam tomar conta da pequena saleta. Batendo com insistência para ser notada, foi convidada para entrar e se sentar em alguma possível cadeira existente em meio à desorganização acadêmica, levando até o professor seu questionamento.

– Então, você deseja saber qual é este princípio metafísico do mundo? Bem... Ao longo de nossa história sempre atribuímos isso aos deuses e deixamos essa pergunta para ser respondida pelos religiosos. Hoje, acreditamos que isso está além de nossa capacidade cognitiva, e é essa limitação que nos impede de encontrar uma "resposta". É isso. Simplesmente, não há uma resposta. Não agora.

Dez horas. No telefone, sua amiga convidando-a para mais uma tarde no shopping center. Café da manhã, banho quente, espuma. Horas em frente ao espelho, arrumando-se. E um delicioso cappuccino esquentando a tarde e animando a conversa das duas amigas.

– E então, conseguiu encontrar uma resposta à questão que tanto a atormentava? Nunca mais comentou nada comigo... O que foi que aqueles professores disseram, afinal?

– Pra ser sincera, depois do médico, todos eles vieram com um papo en-

rolado, cada vez pior, sobre X e Y, matéria, antimatéria, metafísica... Então, acabei chegando a uma conclusão própria.

– Qual?

– Voltei naquele médico e acabei fazendo de vez a cirurgia de troca de sexo.

Camila Silveira Stanquini

FZEA – A – Medicina Veterinária • “Experiências resumidas à escrita amadora, algumas publicações e sites/blogs e algumas participações em concursos de redação.”

vagas recordações da existência

Lucelindo Dias

A casa era Josefa. Josefa, uma casa. Um lar onde se poderia viver, haver. Pleno para o recebimento. Vazio. Modesto. Frágil. Resistente. [...]. Quando estava mais cedo, no meio da tarde, Josefa se entregava à plenitude do tricô. Igual a uma avozinha. Serena, até. O tricô que a mãe a ensinara. Os pontos. O tecer com as mãos enrugadas. O tecer o tempo. O tricô da mãe. Em tempos áureos a mãe recolhia os pratos e talheres e punha um pedaço da rapadura à mesa. O pai esfarinhava a terça parte para a pequena Josefa lamber. O amor em mãos e calos, implícito. O açúcar escuro. Josefa e as mãozinhas doces. Depois, ria-se, jogava-se ao colo do pai. Josefa e os cabelos negros, inteira. Nas entrelinhas. Dentr'uma rudeza própria, sertaneja. Amor sem referir amor. Preso nos corações e solto no pensamento. Depois, a mãe limpava tudo com o pano marrom da pia e recolhia-se a um canto da sala, com os joelhos agudos das pernas em V. E as cores dos novelos para o tricô. Josefa era colorida e sentava-se em par com a mãe para absorver a mãe. Sentir como sentia a mãe. A mãe que era sempre um mistério, uma pessoa abstrata. Não como era o pai, sólido e inteligível. No sofá, Josefa aprendia a agir sobre as coisas. Manipular os significados dos objetos. Objetificar-se. Ensimesmar-se. Linda Josefa àqueles dias. Longos, os cabelos escuros. Delgada. Inquieta. Prendada. Um rosto de amor. E traços que do nordeste não se esperaria. Delicados. O vestidinho verde pelo qual passava fitas à cintura, menina. E as tarefas de mulher. O ser a mãe com o tricô, os bordados e a casa. Embora do pai a maior parte do coração fosse. Porque a mãe branda, cuidadosa, perto, às vezes distante. E o pai, que quase não via, as palavras divertidas e o sorriso, a proximidade. E a doçura em pertencer. Em ter uma origem. Em saber-se miúda e protegida. [...]. E um dia o pai se fora. A idade. E a mãe, por pertença e coração partido. Nem muito velha. E a doença. Esse ser abstrato imposto por Deus do topo do céu, feito foice afiada.

A doença de existir. De conter uma ferida vermelha e pulsante que é o próprio corpo por dentro. A doença de existir no sertão. O sertão, um mundo inteiro. O sertão, a casa de Josefa. E Josefa. Erguida em barro. Derrapada nalguns pontos. Tricotada no telhado. E o calor do mormaço. E sempre o calor. Mesmo às madrugadas. E a sede para matar com a água empoeirada do filtro de cerâmica no cimo da pia. A estrita água necessária. Não como no tempo dos pais. No quinze. A doença da sede quase falhando a memória. O gado morto. Sol em abundância. Mesmo em Fortaleza, no abrigo. Aonde iam sobrevivendo os mais fortes. No mundo de Deus. Quando era o quinze. E hoje, Josefa. Restava. O elo mais frágil de uma cadeia. E os pais estáticos num retrato. Na parede *caroçuda* da sala. O retrato a negro que era a presença de um passado inteiro. Dos pais *objetificados* e vivos e sérios como se nada tivesse acontecido. Nada estava em aquele retrato. Somente os pais. E mesmo assim, não eram os pais. Os pais estavam enterrados. Ou até num nordeste lá no céu. [...]. À hora do almoço, o almoço seco. Pálido. Como fora feito ontem. Um par de panelas escurecidas por onde o arroz e feijão vieram passar. O baião-de-dois do feijão de corda. A galinha, de couro, frita. Asas e pescoço. Pés enrugados. E unhas. Farinha fina, pó. Raramente, um ovo estreito. Para Josefa vir comer, logo após o sol bravo. O baião era sagrado. A hóstia. Cujo experimentar era sempre delicado. Lento. Num mastigar de raros e firmes dentes. O olhar quase estrábico na ventoinha além porta. Um processo abstrato, meditativo. Como se comesse a própria vida. Vivesse-a às mastigadas. Às mastigadas de um material pastoso, branco, sem gosto. Almoçar era como comer a própria vida. Um momento brando, repetitivo, necessário. Indefinido. Após o baião, vinha à mente os itens restantes. A galinha feito pele e ossos. A farinha seca para encobrir, esconder tudo, e depois, um contido gole de água para alimentar. Inflar a vida dentro dela. Antes, Josefa visitava o terreiro aberto, sem a delimitação das cercas. Apenas a estrada, a muitos metros. E o mundo vazio. O quintal de Josefa era o mundo. Vasto, sem fim às vistas. Largo. Distante. Ausente. Josefa percorria os declives oferecendo o milho da outra estação às galinhas novilhas. Essas, ligeiramente assustadas, magras e despeladas. Quietas em demasia. Muito ausentes do ruído. Eram provavelmente já outros tipos de animais. E Josefa. [...]. O ferrolho da janela rangia quando Josefa preparava a casa para adormecer. Um rangido perdido no tempo, oco. O barulho de um ferrolho. Indicando à casa toda que

se chegava à hora de dormir. Secamente. Ecoava aos ouvidos de todos, mas não havia todos. Algum, alguém. Era uma casa vazia. Uma casa de uma pessoa, somente. De Josefa. Uma casa. E escurecia. Às horas exatas, como se fosse ontem. Escurecia enquanto Josefa preparava a casa inteira. Há poucos minutos Josefa cuidava dos breves procedimentos diários. Houvera lavado pratos que antes estavam secos e luminosos ao lado da pia. Houvera retirado os poucos farelos de pão que repousavam sobre o tecido maculado que revestia a mesa. Houvera quebrado uns galhos bastante secos para atear o fogo no fogareiro, no dia seguinte. Houvera pensado. Não como uma porta pensaria. Mas intacta feito uma porta. E os pensamentos moles. Josefa os tinha. Quando lavava a louça ou fazia outras atividades era sempre para pensar, pois se ficasse estática parecia que tudo se perdia, volatilizava. Em contradição, às vezes parava n'alguma lembrança e passavam horas, ou minutos. Não se poderia precisar. Mas parecia uma vida inteira. E depois, como que por mágica, Josefa acordava do transe. Às horas exatas de iniciar os rituais noturnos. Quando uma faixa escura do sol fazia da cozinha um limbo esquecido na terra. Em aquele lugar, o vazio se entrelaçava à vida, tornando-os indistintos. O que não era vazio: somente os ruídos dos bichos. E naquela casa, os sons inundavam. Intensos mosquitos vagueando pelos ouvidos. Zumbindo. Outros, no lado externo da casa. Catitas roendo migalhas na base do fogareiro. Pererecas coaxando miúdas nas extremidades da pia. Josefa fechava, então, as duas bandas da porta. E outros ferrolhos. Na casa de barro. Quieta. A Josefa. Quieta sempre fora. Quase muda. Com os pensamentos longos. E, agora, ajeitava a cama. O retalhinho fino que a embrulhava. O lampião ao lado, que acendera. A fé em rezar. O cheiro do querosene. Mas era noite e, logo, apagava-se tudo junto aos suspiros sem sono. E tudo ficava escuro eternamente. Na casa de Josefa. A mais perdida no caminho do Tianguá. A mais esquecida no sertão. *Houve um tempo muito bom, quando os filhos ainda eram vivos.*

o pouco de nenzinha

Lucelindo Dias

O leite jazia no moreno do chão.

Creno empalideceu.

Não por ser o leite o único gênero alimentício que sobrara, do copo quebradinho nas bordas da Nenzinha.

O pão de pedra já havia estrompado a garganta.

E, feito pedra, o Claudemir na porta de entrada aberta.

E outras gentes.

Tapando o fio de sol.

Na tarde, quase beira da noite.

Creno empalideceu.

Depois, percorreu, divinamente, o trágico no pensamento.

Não mais um pai como eu, e essa vida terrível.

Não mais o pão encardido nas mãos e o encardido, dos pezinhos, a rua.

Não mais o choro fanho da Nenzinha, reclamando comida, no colchão de mijo.

Claudemir sacudiu o ombro do Creno, de cabeça cheia e cara vazia:

– Seu Creno, sinto tanto pela Nenzinha.

Tava brincando perto do poço...

Tava brincando...

Lucelindo Dias

EESC – A – Eng. de Produção • "Livro *Café com Lispector* (2011) – prêmio de contos – Secretaria de Cultura do Ceará."

o primeiro brinquedo

Douglas Farias Cordeiro

[baseado em uma história real]

Todos os dias, antes do Sol nascer,
em um salto ele ia da cama até a cozinha,
e num assovio encontrava sua mãe ali sozinha,
passando o café, e preparando o de comer.

Ela olhava o menino ainda despenteado,
e num sorriso bem apumado,
lhe dava a benção e chamava a atenção:
"Vá lavar este rosto e se pentear,
que o seu pai já há de chegar
e não gostará de lhe ver nesta situação".

Enquanto corria até a bica,
o menino ouvia a voz de seu pai a gritar,
que longe com seu cavalo ia o gado campear.
Então, ali sozinho tirava uma gargalhada,
pensando que para as vacas,
seu pai estava apenas a berrar.

E assim, todos os seus irmãos faziam,
acordavam, pulavam e comiam,
e depois saíam para brincar.
Pique-esconde, pega-pega ou pescar,
boneca de sabugo, bola de meia,
o que a mente imaginar.

Mas naquele dia o menino queria mais,
queria um brinquedo de verdade,
como aquele que um dia vira na cidade,
feito de plástico e colorido, e com rodas a girar.

O pequeno foi ter então com sua tia,
que vez ou outra saía,
a trabalhar na colheita de feijão.
Ela catava os restos que para trás ficavam,
perdidos e misturados entra a terra e o mato,
calcados em meio a plantação.

E assim, de chinelo e chapéu seguiu com ela,
atravessando porteira e pinguela,
até chegar do outro lado do Riachão.
Trabalhou sob o Sol a tarde inteira,
catando feijão e limpando na peneira,
até daquilo tudo juntar um montão.

No dia seguinte correu até a feira,
pra vender o seu punhado de feijão.
As moedas segurou forte e numa carreira,
foi até a venda resgatar a sua compensação.
Seus olhos brilharam diante do plástico,
e num sorriso lacrimejado,
sentiu seu desejo verdade em suas mãos.

Chegou em casa à noitinha,
e já deitado em sua caminha,
com o seu brinquedo se pôs a sonhar,
imaginando aventuras e passeios,
disputas e torneios,
que tanto ansiava encontrar.

Logo no primeiro cantar do galo,
correu para o quintal num estalo,
com o seu carro a brincar.
Seus irmãos, diante de tal confusão,
foram atrás como um furacão,
e pasmos ficaram a admirar.

De repente, suas irmãs menores,
pelo brinquedo se colocaram a chorar,

puxavam de um lado, sacudiam de outro,
tentando ele para si tomar.
O pai vendo tal desavença,
viu-se perdido de paciência,
e o problema foi resolver.
Colocou o carro sobre o chão,
e num golpe de facão,
duas partes o fez ser.

O coração do pequeno,
viu-se despedaçado,
e num suspiro fatigado,
para longe foi se esconder.
Suas lágrimas foram o enterro,
da lembrança do brinquedo,
e da infância que não pôde ter.

mistério de sírius

Cleiton Assis

Até onde posso ouvir o som de seus passos
Ao correr pelas nuvens que viajam pelo ar
Um símbolo das minhas diferenças chegou
Como sinal da conversão dos raios de luz
Em flechas que acertaram os meus sonhos
Agora tenho partes do que será quebrado
Para remontar aquele tempo de felicidade

Não foi nas plêiades que encontrei o seu sorriso
E nem o mistério de Sírius desviou-me a atenção
Um minuto a mais para estar comigo e lhe direi
Como tudo começou nessa infinidade de causas
E no sol estará para brilhar para mim outra vez

Continue a andar por essas estradas até mim
É só um instante em que celebrarei sua vinda
Como em tempos finitos de uma bela história
A única capaz de se elevar acima da emoção
Inspirada para compor cada um dos poemas
Do meu destino e de parcelas da minha vida

Não foi neste caminho que deixei as mensagens
E nem com palavras esculpi aquele meu desejo
Posso acreditar ser livre para dizer o que sinto
Mas sem querer expressar o calor do momento
A alegria pode despertar algumas outras vezes

Tente mirar as estrelas que deixei para você
O céu irá se fechar somente se eu o permitir

As luzes em volta de ti abrem novas chances
O som dos seus passos se repete nos ouvidos
Delatando uma verdade do verso de outrora
Na constante aceleração dos meus segundos

Houve um tempo preciso para a existência
O rápido movimento dos corpos mostrará
Detalhes sobre o presente de nossas vidas
Ao conspirar atos que quebrem as regras
Sendo o norte para futuras formas de agir
Há mais que uma simples vontade de voar
Há um desejo maior por trás das escolhas

Cleiton Assis

EESC – Doutorado – Engenharia Mecânica • “O poema selecionado no volume 17 do *Poeta* é a minha primeira e única publicação impressa, e participação na atividade literária.”

www.poesiaselvagem.blogspot.com

enxerga

Marcelo Assumpção

Vigia que a granada é fria
Anda pelo chão
O cimento gelado
E o tormento da noite
E o luar claro
Põe reparo em tudo
E me enxerga

Marcelo Assumpção

IFSC – F • “Tenho um poema publicado no *Poeta* volume 17.”



Renato Andrade

Publicou suas primeiras charges aos 15 anos no jornal *O Diário* (Ribeirão Preto, SP). Atua no mercado publicitário e editorial como ilustrador, tendo publicado cinco livros infantis e caricaturas com o tema bossa nova em dois livros lançados no Japão. Já publicou nas revistas *Imprensa*, *Revista da Semana* e *Pasquim*. Desenvolveu projetos gráficos para o SESC SP (nas unidades Ribeirão Preto e Pinheiros). Atualmente publica suas charges no jornal *A Cidade* (Ribeirão Preto, SP).

vieireno@gmail.com



Projeto **POETA DE GAVETA**

Inscrições realizadas no período de 1º a 30 de junho de 2011.

Total de 47 participantes com 130 trabalhos inscritos:

Bauru • 1 p – 3 t
Lorena • 4 p – 11 t
Piracicaba • 6 p – 17 t
Pirassununga • 2 p – 5 t
Ribeirão Preto • 24 p – 67 t
São Carlos • 10 p – 27 t

Poeta de Gaveta é uma publicação anual de textos de poesia e prosa produzidos por alunos, docentes e funcionários dos campi do interior da USP, com etapas de inscrição e seleção. É editada pela Seção de Atividades Culturais da Prefeitura do Campus USP de Ribeirão Preto – PUSP-RP. Os textos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores.



POETA DE GAVETA / Volume 18 – 2012

ISSN 1516-0513

Impresso em junho de 2012.

Tiragem de 800 exemplares.

Distribuição gratuita.

Proibida a reprodução sem prévia autorização.

Impressão e Acabamento



EDITORA DAIKOKU

Editora Daikoku Ltda.

Rua Marquês de Lajes, 131 – Vila Brasilina

São Paulo, SP • CEP 04162-010

Tel.: (11) 5073.0966 / 5058.0254

www.daikoku.com.br